

# A RUA E A INDÚSTRIA

Cyro Denaday/AT

A11926-1

**Apelando para a solidariedade humana, os mendigos podem arrecadar até R\$ 3 mil por mês com esmolas**

Líliá Barros

**E**m nome da miséria e no papel de eternos sofredores, eles estão nas praças, nas ruas, nas portas dos supermercados e das agências bancárias. Alguns são inválidos e pedem porque não conseguem um trabalho. Outros se aproveitam da boa fé das pessoas e fazem da mendicância sua profissão. E aí não medem esforços, montam um verdadeiro teatro para sensibilizar os “corações mais duros”.

A “indústria da mendicância” está proliferando. Segundo as prefeituras da Grande Vitória, são mais de 150 pedintes fixos. Uma repórter de **A Tribuna** foi às ruas, disfarçada de mendiga, para saber como e quanto se lucra com a exploração da miséria.

O resultado foi surpreendente: em uma hora e trinta minutos, ela faturou R\$ 22,78, um salgado e um tratamento médico, o que representa, aproximadamente, R\$ 3.000,00 por mês (8 horas/dia). Ou seja, 30 meses de trabalho de um assalariado, que recebe mensalmente R\$ 100,00.

## ESTRATÉGIA

Ganhando valores semelhantes, muita gente se anima e não quer deixar a vida nas ruas. Horácio Nunes Furtado, 40, é um dos exemplos daqueles que fizeram de sua doença uma forma de ganha-pão. Com um ferimento rosado e aparentemente superficial nas pernas, ele já traçou, inclusive, uma estratégia de atuação.

Das 8 às 11 horas, pede esmola em frente à agência do Itaú de Vila Velha, situada na avenida Champagnat. Após este horário, Horácio pega sua bolsa tira-colo marrom, anda alguns metros e monta seu novo ponto, em frente ao Banco do Brasil, onde permanece até às 15 horas.

Com a perna ferida descoberta, uma cara permanente de dor e sem uma única palavra, ele apenas espera que as pessoas



Uma repórter, disfarçada, foi às ruas de Vitória para saber como e quanto se lucra com a exploração da miséria

joguem moedas e notas dentro de sua bolsa. Em dez minutos, enquanto dava uma entrevista à reportagem de **A Tribuna**, Horácio recebeu várias moedas de quatro mulheres que passaram pelo local.

“Eu moro numa boa casa na rua principal do sertão de Carapina. Lá moram comigo minha irmã e duas sobrinhas adultas. Eu levo as compras todos os dias e elas cozinham e tomam conta da casa. Mas ‘apenas’ arrecado R\$ 20,00 por dia”, disse ele.

Caso Horácio peça esmola todos os dias, pode ganhar, aproximadamente, R\$ 600,00 mensais — o equivalente a um salário de um médico estadual e quase duas vezes o salário de um professor da rede municipal de Vitória, um dos mais bem pagos do País. Com este valor também se pode alugar um apartamento de três quartos em Jardim da Penha.

Segundo a prefeitura de Vila Velha e moradores da avenida Champagnat, Horácio já foi internado contra a própria vontade numa clínica de Vitória. Quando suas pernas já cicatrizavam e uma segunda pele nascia, ele tratou de arrancá-la, com emplastro sabiá e voltou para a rua, para ganhar seu “pão de cada dia”, como fala.

## Em 90 minutos, R\$ 22,78

Quinta-feira, cinco de outubro de 1995. Às 12h20, a repórter de **A Tribuna** desce de dentro de um gol cinza, a 20 metros dos locais escolhidos estrategicamente para pedir esmola: o ponto de ônibus da avenida Jerônimo Monteiro, em frente à Praça Oito, e o situado diante do Teatro Glória.

Usando a solidariedade como seu álibi principal, a repórter fez com que dezenas de pessoas, perplexas e cheias de piedade, depositassem moedas ou uma nota de R\$ 1,00 em sua latinha. Em uma hora e meia, foram R\$ 22,78, um salgado quentinho e a promessa de um tratamento médico.

“Uma moeda por favor! É para comprar comida e remédio. Qualquer coisa moça!”, gritava a repórter. Como resposta ao seu pedido: “O que foi isso minha filha?” ou “só tenho essa moeda” ou “deixe-me ver o que tenho aqui”. Frases como estas demonstram que, apesar do aperto econômico, a solidariedade fala mais alto.

Um médico pára e olha a ferida no braço da repórter — feita artificialmente por um maquiador — e, sem questionar nada, pôs R\$ 0,50 na lata. Esta é uma prova de que é fácil enganar até um especialista, como acontece diariamente nas ruas.

Outro homem, com o nome “Jesus” na camisa, ao ouvir a súplica, jogou uma nota de R\$ 1,00. E assim agiram muitos.

## GENEROSIDADE

Após um intervalo de descanso, a repórter volta a pedir. Desta vez, em frente ao Palácio Anchieta. A lata estava enchendo. Quando, cansada de estar em pé, a repórter resolveu sentar, as pessoas ficaram ainda mais sensibilizadas — e generosas. Três pessoas correram, literalmente, e jogaram moedas.

Um homem, cerca de 40 anos, parou e começou a conversar com a repórter/mendiga. “Eu não aguento ver essas coisas. Você quer um tratamento médico, moça? Olha, meu nome é

Misael, anote o número de um telefone e ligue amanhã que eu lhe consigo um tratamento. Fique com as fichas telefônicas porque dinheiro eu não tenho”, disse, com o dedo quase tocando na “ferida”. Após 15 minutos, Misael voltou e entregou um salgado quentinho que acabara de comprar.

Um grupo de adolescentes passa e quando vê a pedinte, comenta: “Nossa! Isso foi mordida de cachorro?”. “Não, me bateram, me dá um dinheiro aí!”, fala a repórter. Duas meninas doam R\$ 1,50 e saem um pouco tristes.

O dinheiro arrecadado com as esmolas (R\$ 22,78) pela repórter de **A Tribuna** foi entregue, na sexta-feira à tarde, ao Asilo dos Velhos, no bairro de Monte Belo, em Vitória.

# DA MENDICÂNCIA

## Criança é arma infalível

A mendicância requer um conjunto de estratégias: feridas, sujeira e roupas rasgadas. Crianças também são armas infalíveis para quem quer sensibilizar as pessoas. Maltrapilhas e magras, elas servem de instrumento para comover principalmente aqueles que têm filhos.

Um exemplo de quem vive às custas da fragilidade das crianças é a desempregada Dilma Lima, 30, que é mãe de Verônica, 3, e de Núbia, três meses. Dilma mendiga na praça central de Vila Velha e em outra próxima à Prainha. Com as crianças no colo, ela recebe todo o tipo de ajuda.

"Eu era empregada doméstica de uma casa aqui perto. Tinha o direito de morar lá, alimentarme com minhas filhas. No final do mês, recebia meio salário mínimo, uma mixaria. Vim disposta para a

rua, que é muito melhor. Só hoje eu ganhei uma prateleira, um filtro e uma sacola de compras", disse.

Dilma contou que dorme nas ruas, apesar de ter um barraco na Ilha das Castanheiras, onde seu marido, que também está desempregado, mora sozinho. Ela disse que não poderia mostrar a casa onde trabalhou porque seus patrões ficaram "zangados" quando ela resolveu mendigar.

### APOSENTADORIA

Outro caso onde as crianças são utilizadas como armas de sensibilização é o de uma família, com 10 pessoas, que mora num barraco, na Cidade Alta. São quatro adultos que não trabalham e vivem do que as seis crianças ganham de esmola.

Edvaldo, 30, e Ana Maria,

29, são pais de W., 8 anos, L., 4, e P., 2 anos. Já Rosângela, 31, é mãe de R., 11 anos, P.R., 9, e R., 2 anos.

A viúva Cidália, 68, disse que eles viviam da aposentadoria do marido e que agora aguarda o direito de receber cerca de um salário com o novo programa de ajuda do governo. "Enquanto isto, as crianças ganham alguma coisinha", comenta.

Por que não trabalha? Ana Maria não esconde: "Não há nenhuma dificuldade. É que, por enquanto, não está dando. Temos que tomar conta das crianças", disse, com um largo sorriso. Já Rosângela preferiu ficar deitada e não falar sobre o assunto. Edvaldo, também desempregado, estava pelas ruas.



A maioria dos mendigos pertence ao sexo masculino -

## Mendigos não querem mudar

De cada 10 mendigos abordados e cadastrados pelos educadores sociais da prefeitura de Vitória, apenas três aceitam ficar no abrigo, próximo ao Tancredão. Isto significa que 70% não querem deixar a vida de pedintes.

O custo mensal com toda a estrutura de abrigo onde 50 mendigos residem é de R\$ 10 mil, sendo que se gasta por dia, individualmente, R\$

8,00. Os pedintes são assistidos pela Secretaria de Assistência Social da Prefeitura de Vitória.

O abrigo inclui alimentação, roupas, banho e trabalho profissional de pedagogos e terapeutas. A diretora da secretaria, Rose May Lemos Barcelos Coutinho, informou que o desemprego ocasiona o aumento da população de rua, "que é formada, em grande número, por dependentes

químicos".

O psiquiatra carioca Jorge Alberto Costa e Silva, diretor da Divisão Geral de Saúde Mental da Organização Mundial de Saúde, em entrevista à revista Veja, disse que, entre os desempregados, a ocorrência de dependência química é duas vezes maior que com pessoas empregadas.

A sub-secretária de Ação Social da prefeitura de Vitória, Tereza Colnago, acredita que dar dinheiro, principalmente para as crianças, não é a melhor saída para o problema. "Está sendo criado o Fundo da Infância e Adolescência (FIA) para evitarmos que pais usem as crianças para pedirem e, assim, aumente a malandragem".

De acordo com o assessor técnico da Secretaria de Ação Social da prefeitura de Vila Velha, Jorge Felz, a maioria dos mendigos realmente não quer deixar as ruas. "Eles estão lá porque querem, pois damos oportunidades para se reintegrarem ao meio social".

O projeto Casa Educativa ou Casa da Convivência e o Abrigo da Solidariedade são algumas das iniciativas da prefeitura de Vila Velha. Lá eles aprendem trabalhos manuais, tomam banho e almoçam. Depois seguem para o abrigo, onde há 20 camas para homens e 10 para mulheres.

Só este ano, já foram registrados pela prefeitura de Vitória 16 mil atendimentos a mendigos. Uma mesma pessoa que fica na rua chega a receber diversos atendimentos. "Eles vão e voltam aos abrigos, pois mudam de lugar frequentemente", disse Rose May, acrescentando que a maior parte deles vêm de outros esta-

## Feridas expostas ao público e mau cheiro

Para ser mendigo, tem que se ter um perfil. Ou então, criar um. Eles cheiram mal e se lavam com a água do mar. Falam pouco, são desconfiados e estão sempre deprimidos e cabisbaixos. Seus movimentos se destacam mais que suas palavras e suas feridas sempre estão expostas ao público.

Sem documentos e geralmente viciados em bebidas ou drogas, a população de rua que vive de esmola é composta, principalmente, por homens entre 25 e 40 anos. No último mês de setembro, a prefeitura de Vitória fez 847 atendimentos sociais a homens, 258 às mulheres e 144 às crianças.

Os locais de maior concentração são a praça Costa Pereira, o Triângulo das Bermudas, na Praia do Canto, e as ruas do centro de Vitória. O psicólogo Herasmo Vieira disse que existem duas explicações para o pedinte que usa uma ferida como desculpa para mendigar.

"Uma das causas é a malandragem e o desvio de caráter que leva a pessoa a usar de uma deformidade sua para pedir. Outra razão pode ser a car-

rência herdada na infância. Por isto, ele faz qualquer coisa para chamar a atenção sobre si", explica.

As igrejas também estão preocupadas com a proliferação dos mendigos. O pastor Hernandes Dias Lopes, da Primeira Igreja Presbiteriana de Vitória, acredita que não deve haver o tratamento paternalista, mas uma solução emergencial.

Para o vice-moderador da Igreja Batista do Bonfim, Altair Dias Vargas, as pessoas não deveriam dar dinheiro e sim ajudar com trabalho e moradia.

Já o policial militar Edileuzo Ferreira Duarte opina que as pessoas que vagam pela praça de Vila Velha são um "bando de vagabundos que querem dar uma de mendigos. Já aprendi maconha com eles e, além disso, eles roubam também".

A dona de casa Neusa Santos comenta que sempre deu esmolas, mas que agora tem observado que muita gente não trabalha. "Se for um aleijado, um cego, eu dou. Caso contrário, que vá trabalhar!".

## A maquiagem da miséria

Com o objetivo de saber como anda o mundo da mendicância e se é fácil ou não enganar as pessoas nas ruas — como acontece, segundo a prefeitura de Vila Velha, com 50% dos casos — a repórter de A Tribuna passou por um trabalho técnico de transformação.

Foi feita uma maquiagem de mulher sofrida e sem recursos, com dentes estragados, olhos caídos, pele sem brilho e, é claro, uma ferida no antebraço e outra na orelha. Com roupas velhas, uma latinha suja na mão e um olhar do tipo "coitadinha", foi possível "cortar o coração" de várias pessoas no centro de Vitória e receber mais de 20% do salário mínimo em apenas uma hora e meia de mendicância.

No total, foram duas horas de produção, realizada pelo professor de maquiagem de efeitos Rodrigo Simões, 18. Ele é o único profissional no Estado a fazer este trabalho. Rodrigo dá cursos no Senac e lançará em janeiro o seu primeiro filme de efeitos mais violentos do Estado, "A Pele do Cor-



Rodrigo é especialista em efeitos

deiro".

Ele mora em Guarapari e já participou como maquiador dos personagens do filme "A Margem", que estreia este mês, sob a direção de Luiza Lubiana. O telefone de contato de Rodrigo é 325-8222 ou 355-3608.

### REDES DE PROTEÇÃO

#### PROTEJA AS CRIANÇAS

INSTALAMOS EM:  
VARANDAS, JANELAS, PISCINAS,  
QUADRAS ESPORTIVAS.

Cores: Branco, Preto e Marrom.  
Orçamento sem Compromisso

**NÃO ALTERA O VISUAL DO SEU IMÓVEL.**

**Facilitamos Pagamento**

TEL: 327.9274 - 225.8942 - 226.1421 - 981.4318